A MEDICALIZAÇÃO DAS MULHERES NA CONTEMPORANEIDADE: UMA LEITURA PSICANALÍTICA DA NARRATIVA SUBJACENTE AO USO DE PSICOTRÓPICOS ENTRE GRADUANDAS DE PSICOLOGIA

Beatriz Moreira (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Marcos Leandro Klipan (Orientador). E-mail: mlklipan@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Maringá, PR.

Ciências Humanas / **Psicologia.**

Palavras-chave: Psicotrópico; Fantasia; Psicanálise.

RESUMO

Este trabalho investigou, sob a ótica da Psicanálise, as narrativas femininas subjacentes ao uso de psicotrópicos entre graduandas do curso de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Ancorado em uma perspectiva freudo-kleiniana, o estudo adotou uma abordagem qualitativa, exploratória e de campo, desenvolvida por meio de entrevistas semiestruturadas com estudantes que fazem ou fizeram uso de medicamentos. Os resultados foram organizados em três categorias: O psicotrópico como objeto de segurança psíquica; A medicalização como silenciamento do sofrimento psíquico; A ambivalência na relação com o medicamento: entre dependência e autonomia. Embora os psicotrópicos sejam significados como recursos de contenção de angústia, também foram associados à fuga, ao silenciamento e à dificuldade de simbolização da dor. A relação com o medicamento mostrou-se ambivalente: embora favoreça a manutenção da vida cotidiana, também produz sensações de dependência, distanciamento de si e assujeitamento. Conclui-se que o psicotrópico ultrapassa sua função farmacológica, sendo atravessado por fantasias e significações, evidenciando a importância de um cuidado que possibilite a escuta e a elaboração do sofrimento.

INTRODUÇÃO

O crescente uso de psicotrópicos evidencia uma transformação contemporânea no manejo do sofrimento psíquico, marcada pela crescente medicalização de experiências. Esse processo refere-se à transformação de questões não-médicas, de origem política ou social, em problemas passíveis de intervenção farmacológica (Collares; Moysés, 1994). Enquanto reflexo e dispositivo do funcionamento social, a psiquiatria tem operado por meio da regulação dos sujeitos segundo ideais de desempenho, contribuindo para a patologização de experiências antes compreendidas como inerentes à vida. A partir de uma perspectiva interseccional, compreende-se que tal fenômeno adquire particular relevância quando relacionado às mulheres, historicamente associadas, no discurso médico-psiquiátrico, à instabilidade e à fragilidade emocional. Em contraposição à lógica medicalizante, a

Psicanálise compreende o sofrimento psíquico como portador de sentidos sobre o sujeito, demandando escuta e interpretação. Fundamentada em uma perspectiva freudo-kleiniana, considera-se que a vida psíquica é constituída a partir da relação com objetos internos e externos. Nessa direção, o psicotrópico pode ser compreendido como objeto investido de significados e fantasias, podendo assumir diferentes funções no psiquismo. Diante disso, a pesquisa investiga, sob a ótica da Psicanálise, as narrativas femininas subjacentes ao uso de psicotrópicos entre graduandas de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM), buscando compreender as fantasias e os sentidos inconscientes implicados nessa relação.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória e de campo, realizada por meio de entrevistas semiestruturadas conduzidas a partir da questão disparadora “Como é a sua relação com o medicamento?”. Participaram da pesquisa cinco graduandas do curso de Psicologia da UEM, com idades entre 18 e 23 anos, que fazem ou fizeram uso de psicotrópicos. As participantes foram identificadas pelos códigos P1 a P5, correspondentes à série do curso à qual pertencem, sendo omitidas quaisquer informações que permitissem sua identificação. A seleção ocorreu por convite espontâneo, mediante divulgação interna no curso. A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UEM, conforme a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. As entrevistas foram realizadas individualmente, em local reservado, após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Buscou-se favorecer a associação livre, mediante uma escuta flutuante e com o mínimo de direcionamento. A análise foi orientada pelo referencial psicanalítico, considerando a linguagem como via de expressão de sentidos inconscientes que atravessam a relação sujeito-medicalização.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das entrevistas, realizada a partir da identificação de regularidades, contradições e sentidos simbólicos presentes nas narrativas, resultou em três categorias: O psicotrópico como objeto de segurança psíquica; A medicalização como silenciamento do sofrimento psíquico; A ambivalência na relação com o medicamento: entre dependência e autonomia. No primeiro eixo, observou-se que P2, P3, P4 e P5 significam o psicotrópico como recurso de contenção diante de estados intensos de ansiedade, tristeza, insônia e sensação de descontrole. Nessa perspectiva, o medicamento é introjetado como objeto bom, operando como ego auxiliar diante de angústias insuportáveis. Entretanto, para P4 e P5, seu uso também pode operar como uma fuga frente à experiência dolorosa, indicando dificuldades de sustentar o sofrimento simbolicamente. Em diálogo com Birman (2020), a medicalização pode produzir um curto-circuito do sofrimento ao privilegiar sua contenção em detrimento da construção de sentidos, ao atender diretamente aos reclamos da dor, sem mediação da palavra ou apelo ao outro. Essa experiência é atenuada por P4 através de sua vivência religiosa, em que o ato de comer um doce,

fornecido por sua entidade espiritual, adquire uma função de manejo do mal-estar. Introjetado como objeto bom, o doce passa a constituir uma reserva interna de segurança. O ato ritualizado de fé, ao implicar um pedido de auxílio endereçado ao outro, quebra com o curto-circuito do sofrimento. Delineia-se, assim, uma via alternativa ao alívio imediato, favorecendo a elaboração do sofrimento por meio do restabelecimento do objeto bom e na consequente integração egóica, facultando ao psiquismo os recursos necessários para conter a dor e transformá-la em uma experiência dotada de sentido. No segundo eixo, os relatos evidenciaram situações em que a resposta medicamentosa se sobrepôs à escuta e à elaboração do sofrimento, operando como uma forma de silenciamento. O relato de P1 evidencia uma experiência de atendimento na qual a prescrição ocorreu sem que ela se sentisse escutada: “eu não senti que ela, a psiquiatra, realmente quis ouvir o problema”. Diante da ausência de efeitos, a resposta recebida foi o aumento da dose, sem que houvesse significativa transformação em sua experiência. Esta vivência ganha evidência quando P1 acrescenta: “É, e eu acho que não era só ansiedade o problema. Só que era mais o que eu falava”. O medicamento aparece, portanto, como resposta privilegiada ao sofrimento, podendo tamponar o sentido do sintoma manifesto e deslocar a atenção da elaboração do sintoma para sua contenção. Esse silenciamento também aparece na dificuldade de algumas participantes em acessar o próprio sofrimento, como demonstrado na narrativa de P2, que, inicialmente, relata a principal motivação para buscar tratamento medicamentoso devido a uma alteração química em seu corpo, que não respondia como antes. Posteriormente, a entrevistada se lembra, com um tom súbito, que essa mudança de comportamento ocorreu meses após a morte de sua avó, ente querida e próxima. O relato de P2 constitui uma rica ilustração do mecanismo de negação parcial da realidade, típico do estado maníaco-depressivo transitório que caracteriza a vivência do luto normal. A medicalização, novamente, encontra ressonância na dificuldade de subjetivar e elaborar experiências dolorosas. Apenas anos depois, em análise, P2 pôde revisitar a experiência de perda, reinstalando sua amada avó como objeto bom (Klein; 1996). Por fim, no terceiro eixo, a análise se concentra nas significações ambivalentes que atravessam o uso de psicotrópicos. Reconhecido como um recurso que possibilita a contenção do sofrimento e a manutenção da vida cotidiana, também é associado à perda de espontaneidade, distanciamento de si, à dependência e à percepção de insuficiência psíquica frente a angústias. P4 sintetiza essa contradição ao afirmar que o remédio é “tanto uma salvação quanto um símbolo de fraqueza”, relatando dificuldade em sustentar a coexistência desses dois sentidos. A partir da perspectiva kleiniana, essa ambivalência pode ser compreendida em relação à coexistência de aspectos bons e maus do objeto e à dificuldade de integração desses elementos. P3 e P4 relatam uma vivência de dependência com os medicamentos, a qual, sob a ótica da matriz kleiniana, pode ser relacionada à idealização: processo em que aspectos bons do objeto são exacerbados, impossibilitando a assimilação do objeto ao ego, que se enfraquece. Paralelamente à criação do objeto idealizado, o próprio ego passa a ser visto como desprovido de valor, de modo que objeto bom passa a funcionar, na prática, como mau (Cintra; Figueiredo, 2010). Assim, o uso de medicação passa a ser associado a

uma vivência de assujeitamento, em que o sujeito entende-se subordinado a um elemento externo para sustentar seu equilíbrio emocional, constituindo uma ameaça à autonomia psíquica. Tal vivência é ilustrada na narrativa de P4, que afirma: “se eu ficar sem eles, o que será de mim? [...] eu imagino que eu iria ficar destruída”.

CONCLUSÕES

Conclui-se que a posição ocupada pelo psicotrópico na vivência das mulheres ultrapassa sua função e seus efeitos farmacológicos, sendo atravessada por fantasias e significações, por vezes, ambivalentes. Embora funcione como recurso de contenção e segurança diante da dor, o medicamento também pode produzir silenciamento e vivências de assujeitamento, refletindo e intensificando a derrocada do pensamento simbólico contemporâneo. Problematizar a medicalização não implica negar o recurso medicamento, mas compreender sua função e efeitos na relação do sujeito com o próprio sofrimento. Evidencia-se, portanto, a importância de um cuidado em saúde mental que não se restrinja à contenção dos sintomas, mas possibilite a escuta e a elaboração da experiência.

AGRADECIMENTOS

Expresso minha gratidão à Fundação Araucária, instituição de fomento à pesquisa, cujo apoio foi fundamental para a realização deste trabalho. Agradeço também às mulheres que compartilharam suas histórias, contribuindo de maneira fundamental para a construção desta pesquisa que, agora, é transmitida para o leitor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIRMAN, J. **O sujeito na contemporaneidade**: espaço, dor e desalento na atualidade. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

COLLARES, C. A. L.; MOYSÉS, M. A. A. A transformação do espaço pedagógico em espaço clínico (A patologização da educação). **Série Ideias**, São Paulo, v. 23, s. n., p. 25-31, 1994.

CINTRA, E. M. D. U.; FIGUEIREDO, L. C. **Melanie Klein**: estilo e pensamento. 2. ed. São Paulo: Escuta, 2010.

KLEIN, M. O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos (1940). *In*: KLEIN, M. **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.